

ARTES PLÁSTICAS

A escultura privilegiada

Reynaldo Roels Jr.

Num ano em que a crise atingiu níveis impressionantes em todos os setores da cultura brasileira, é um milagre que a produção brasileira de artes plásticas tenha-se mantido com um mínimo de vigor. As expectativas em torno da 19ª Bienal Internacional de São Paulo foram responsáveis por parte considerável do movimento: em especial o alemão Anselm Kieffer e os brasileiros em geral (destaques: Tunga, Milton Machado e Dudi Maia Rosa na representação nacional, Waltércio Caldas na sala especial *Imaginários singulares*). Outras exposições retrospectivas também tiveram importância (Goeldi, na Funarte, e Lasar Segall no Pa-

ço), assim como a individual de um notável artista norte-americano, Robert Yarber. Mas o grande fenômeno a ser registrado foi o aparecimento da escultura como um meio privilegiado entre os artistas plásticos.

Um ciclo de mostras na Funarte pôs em evidência alguns escultores de nível: Fajardo, Nuno Ramos e Ana Linnemann foram os primeiros (no ano que vem, será a vez de José Resende). Exposições como as de Sérgio Camargo, Ivens Machado e a de pequenos múltiplos de Franz Weissman completaram o cenário. E ainda uma coletiva problemática como a *Nova escultura*, na Petite Galerie, povoada de equívocos, conseguiu manter o meio acima do nível do mar. O climax ocorreu em

São Paulo, com o trabalho de Tunga, artista que em poucos anos revelou força impressionante.

Com crise ou sem crise, contudo, o que se observa é que não nos faltam bons artistas. Então, por que tanto obstáculo para se ver boa arte na cidade? Por que se insiste em manter em circulação o irrelevante e o dispensável? Tivéssemos um pouco mais de critério na programação (mas vivemos em uma sociedade onde as leis de mercado determinam todo o resto) e as coisas seriam diferentes. Um último destaque: o lançamento do livro de Roberto Pontual sobre a coleção de Gilberto Chateaubriand, desta vez cobrindo o tema até a Geração 80, da qual sobraram poucos artistas realmente ativos.

Os 10 melhores

■ **Iberê Camargo** (Paulo Klabin) — Em umas poucas telas, a afirmação mais contundente da pintura brasileira nos últimos anos: densas, de uma dramaticidade ímpar. Iberê construiu variações entre o negro e o branco, nas quais a escuridão da cor revela a lucidez com que ele percebe seu ofício de pintor. Qualquer possível fraqueza foi compensada por uma noção insubstituível: a verdade na pintura.

■ **Sérgio Camargo** (Paço Imperial) — Cerca de 30 trabalhos ainda não vistos no Rio de Janeiro de um dos mais importantes artistas plásticos brasileiros. A mostra cobriu um período relativamente longo, mais de cinco anos, desde sua última exposição no Museu de Arte Moderna. Ao branco de hábito, Sérgio acrescentou o negro em sua escultura. A inteligência do processo plástico permaneceu intocada.

■ **Ivens Machado** (Saramenha) — Mais um escultor entre os que mantêm o alto nível do meio no Brasil. Cimento, metal, pedras e cacos de vidro foram os materiais com que o artista construiu peças de uma identidade inconfundível.

■ **Antônio Dias** (Saramenha) — Visceralidade nos anos 60, quando ele transfigurava em arte a sociedade em que vivia; visceralidade em

arte nos anos 80, quando ele transfigura em arte a arte com que vive. Antônio é um dos maiores artistas da "geração do golpe", e viveu intensamente tanto a responsabilidade de responder a ele quanto a de não responder a ele quando a política se tornou uma preocupação de outro nível.

■ **Eduardo Sued** (Thomas Cohn) — A cor utilizada como elemento ativo, pulsante, e não apenas um acréscimo ao esquema da composição. Sued fala em música da pintura: é o problema do tempo que aparece em um trabalho normalmente associado apenas ao espaço.

■ **Jorge Duarte** (Saramenha) — Um pintor dos poucos que permanecem da Geração 80, com uma compreensão artística muito mais veloz. Um tirocinio pictórico e conceitual de tirar o fôlego de qualquer um.

■ **Barrio** (Centro Empresarial Rio) — Uma exposição "precária": nem pintura, nem escultura, ou nada dentro de padrões comercializáveis. Intervenções na parede sobre a qual o que se vê em geral é pintura. Barrio riscou, arranhou, colou papel e corda, e comentou a arte com uma inteligência digna de seu trabalho anterior, quando participava da negação do real em torno de si, reconstruindo a realidade através das trouxas ensanguentadas.

■ **Jac Leirner** (Petite Galerie) — Uma paulista que se revelou das mais brilhantes de sua geração. A mostra não utilizava nada além de dinheiro: em quadriláteros pregados à parede ou em blocos tridimensionais largados ao chão. Com a displicência invejável, e numa época em que a falta de dinheiro se tornou um drama generalizado.

■ **Manfredo de Souza Netto** (Montesanti) — Exposição de uma limpeza admirável, na qual os sinais de redirecionamento são evidentes, aliados a problemas mais permanentes no repertório plástico do artista.

■ **Mira Schendel** (Thomas Cohn) — Artista de seriedade e empenho dignos do nome que conquistou. Mira mostrou no Rio trabalhos que provocaram menos polêmica do que suas exposições de São Paulo; Não importa, o impacto de suas telas praticamente vazias mas plenas de significado foi dos mais memoráveis em alguns bons anos na cidade. O máximo dito através do mínimo, mas sem ser minimalista. Ortodoxa, pelo menos.



Iberê Camargo